

MÚSICA, TECNOLOGIA E CONSUMO

por Samuel Victor Kriger de Paiva¹

Resumo: A música (bem como a arte em geral), de expressão humana, passou a ser uma ferramenta técnica do século XXI. No cabo de guerra entre o *download* ilegal *versus* o apoio ao mercado fonográfico, os longos tentáculos da globalização conseguiram jogar a todos numa batalha moral imaginária; ao passo que, a verdadeira questão é muito mais profunda. Constatada a sua natureza plural e multidimensional, a música é vista hoje como referência simbólica nesta discussão tecnológica. Além de ser uma ciência em si mesma, nela cabem experimentos físicos, sociológicos, psicológicos, espirituais, etc. Numa palavra, uma arma perfeita de confecção social. Daí ser ela alvo de tanta cobiça por parte de uma elite global, e referência simbólica desta revolução técnica atual. Que lado tomar? Vale a pena uma reflexão a respeito.

Palavras-chave: tecnologia; download; Jacques Ellul.

Abstract: Music (and art in general), of human expression, became a technical tool of the twenty-first century. In the contest between illegal download *versus* phonographic industries support, the long globalization's tentacles could throw everyone in an imaginary moral battle; while; the true question is much more deepest. Given it's pluralistic and multidimensional natures, music is seen today like an simbolic reference in this technological discussion. Besides being an science in itself, in it fits physical experiments, sociological, psychological, spiritual, etc. Namely, a perfect weapon for social production. That's the reason for it be the target of so much greed by a global elite, and a symbolic reference of this current technological revolution. Which side to take? It's worth some reflection.

Keywords: technology; download; Jacques Ellul.

A música passa pela fase mais confusa da história. Antes das tecnologias da informação, uma peça musical era passada de músico para músico ou de pai para filho, numa cadeia genética cultural; a

¹ Samuel Victor Kriger de Paiva é bacharelando em Ciências Sociais pela UFPR e fundador da produtora cultural *Igreja dos Loucos*. Contato: samuelpkp@hotmail.com.

mente humana era o seu único habitat virtual. Depois ela passou a ser registrada através de códigos gráficos, a partitura; e assim, através de seus escribas, passou a vencer o tempo. Depois ainda, passou a ser registrada em mídias e passou a ser ouvida em todos os cantos do globo, devidamente transmutada em ondas radiofônicas. Hoje, com as atuais revoluções tecnológicas, uma música pode se resumir em muitos casos a um código digital em um HD. No futuro, muitas criações musicais não passarão de fantasmas residuais digitais na rede; sem compositor, sem origem nem fim de dias.

Essa nova ordem musical, aconteceu simultaneamente ao ápice final da ganância humana; sistematizada, institucionalizada e batizada com a alcunha de neoliberalismo. Nesse raciocínio e seguindo a lógica acima, conclui-se: primeiro a música era feita para Deus ou para os deuses; depois passou a ser feita para nações ou poderosas instituições; depois para a pessoa amada; ainda, para louvar aspectos dos mais questionáveis dos desejos de nossa natureza animal (práticas sexuais, vícios, neuroses e etc.); e agora, culminou em sua involução final: é feita em honra ao deus-dinheiro (Mamom); sequer importando o que com ela se comunique (mesmo a produção de música religiosa).

A tecnologia e as escolhas sócio-econômicas do chamado cidadão global, colocaram a música num enclave contemporâneo impressionante. De um lado, ela deixou de ser música e passou a ser mercadoria-signo e a ter sinal-valor para ser usada pelas mais sujas invenções do *Super Capitalismo Internacional*; ao mesmo tempo que,



este mesmo sistema forneceu armas tecnológicas para que a música circule livremente pelas brechas da rede (contra a vontade de seus compositores, negando-lhes o ganha-pão, uma vez que, esta mesma tecnologia, substitui um músico ao apertar de um botão. Claro, quando estes são das classes sociais mais baixas, isto é, sem *network* com a “indústria cultural”²). Algo como: simulacro-estetização *versus* realidade-consumismo. Dois mundos submissos a tecnologia, um da informação e outro econômico.

Tais ferramentas tecnológicas (o computador, a banda larga, o *BitComet* ou similares) nos dão uma estranha sensação de que somos espertos e capazes de enganar o próprio sistema econômico que as criou e nos vendeu. Será?

Logo, a difícil escolha, e a grande pseudo questão filosófico-moral de nossa era é: combater o mercado econômico que reduziu o ser humano a um mero consumidor, usando as armas digitais dos técnicos *brainframes* ou combater as armas alienantes tecnológicas da pós-modernidade³ (que lutam para transformar o ser humano em uma máquina *simutada*), comprando música “mais real” dos

² “Indústria cultural” [*Kulturindustrie*] é um termo cunhado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), membros da Escola de Frankfurt. O termo aparece no capítulo *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas* na obra *Dialética do esclarecimento* (1985). Neste capítulo os autores analisam a produção e a função da cultura no capitalismo. Os autores criaram o conceito de “indústria cultural” para definir a conversão da cultura em mercadoria. O conceito não se refere aos veículos (televisão, jornais, rádio...), mas ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante. A produção cultural e intelectual passa a ser guiada pela possibilidade de consumo mercadológico.

³ Ou seja lá como forem chamar o mundo depois da revolução na informação e na revolução genética.

capitalizadores e engenheiros econômicos (*Freakonomics*⁴)? Não seriam eles os mesmos?

A fim de debatermos com alguma lucidez, analisemos os melhores argumentos que pudermos achar em ambos os lados. Ignoremos os que vendem e os que baixam apenas por ganância, e concentremo-nos nos argumentos mais honrosos que pudermos achar. Dois lados se desenham a princípio: “o pirata” *versus* “o mercador musical”. Sequer consideremos nesta discussão aqueles que baixam música para tirar vantagem, ou os que mercadejam música para explorar, ou sequer lhes emprestemos atenção quando usam os argumentos propostos para se atacarem mutuamente. Consideremos apenas os que o fazem ambos, no melhor espírito, amor à música e/ou a mensagem que dela se espera comunicar.

Com o pirata, entendemos que numa projeção edênica utópica, nenhuma arte deveria ter preço, muito menos a música, por saber-se que dar um valor a ela seria diminuí-la de seu valor incalculável. Concordamos com cada palavra, infelizmente, não estamos no Éden e o tempo das utopias está se apocaliptizando rapidamente. Se a sua hipotética motivação for o combate a sociedade do consumo (apesar de que o dinheiro não gasto com a música será gasto inevitavelmente com outras coisas, como um computador por exemplo), aparece aí uma certa inocência guerrilheira em achar que os donos do virtual não são também os donos do mercado mundial. Essa lógica do contrabando digital, ao

⁴ O livro *Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta* (2007) é uma coletânea de estudos do economista Steven Levitt, Ph.D. pelo MIT, em parceria com o jornalista Stephen J. Dubner.



contrário do que fazem parecer nossos queridos piratas anti-globalização, não atrapalha o sistema, antes, o estimula, uma vez que, raramente é usado contra o capital, mas em favor dele nas “sombras das maiorias silenciosas”.⁵ O indivíduo mediano pode até não gastar com música, mas vai gastar depois com o que a mídia mandar. Como combater um sistema com as armas que ele mesmo te deu? Quando se rouba a César, você se torna ele! Infelizmente, aqueles que ainda assim, resolverem lutar contra os interesses mundiais de consumo com estas armas, acabarão por figurar no que os “Senhores do Mundo”⁶ poderiam chamar de A.E.D. (Ameaça Estatisticamente Desprezível).

O ciberespaçotempo constitui hoje no nosso mundo, um lugar cibernético que além de implodir a distância entre o metafórico e o real, submete totalmente os indivíduos a máquinas e banaliza o degustar musical, além de confundir a psique humana completamente. Não estamos preparados para o grau de agigantamento a que chegou o esquema técnico, e ao baixarmos mais informação, comunicação e música, acabamos cronificando nossa relação com a incerteza real-virtual, o que transtorna rapidamente nossas experiências de vida (a diferença entre sentir o cheiro do gelo seco ou o da tela do computador, dançar ou apenas bater o dedo no mouse, sentir dor no corpo de dançar ou sentir dor nos olhos de tanto ficar em frente da tela), destrói as significações e

⁵ Termo que é título do livro *A sombra das maiorias silenciosas* (2004) de Jean Baudrillard.

⁶ Termo achado no livro *A verdadeira história do clube Bilderberg* (2006) de Daniel Estulin.

os sentidos (formam-se especialistas musicais que nunca foram a shows, conhecem tudo do virtual-musical sem nunca ter mofado em uma fila de ingresso), e esvazia completamente o conceito de realidade (guitarristas de vídeo-game, one-man-bands, Second Life, etc). Tudo se tornou em simulacros e simulações: o trabalho, o dinheiro, a cultura, a arte, o ensino, a psicologia, a economia, o sexo (pornografia), a música e etc. Afinal, somos homens ou máquinas? Somos homens ou clones virtuais? Daí se concluir que os perigos de um mundo virtualizado e metafórico podem verdadeiramente converterem-se em armadilhas psicológicas e sociológicas para sociedades incapazes de administrar questões muito mais óbvias e reais. No nível do indivíduo criaremos seres humanos muito bem adaptados a uma vida cibernética, mas completamente ineficientes em relação a vida real. Se é que ainda há vida real neste planeta.⁷

Da mesma forma, acompanhemos também uma das possíveis lógicas (a mais pura que pudermos achar) do mercador musical atual e daqueles que por amor preferem comprar sempre os originais e armadilhas deste outro lado. Imaginemos que sua intenção seja promover música de qualidade e alma para aqueles que dela estiverem sedentos (e viver sim, com alguma dignidade promovida por este trabalho).

⁷ Parafraseando Jean Baudrillard.



Corre-se aí o risco de acabar jogando o jogo de Mamom. “Antes o cara tocava música para Deus, hoje em dia, o cara faz música para o mercado!”⁸

Olhando por pano de fundo, as relações político-econômicas e socioculturais pós-modernas, verifica-se uma sociedade-cultura; sobre a maldição herdada do liberalismo e a produção de signos e ídolos ao invés das mercadorias propriamente ditas; sobre o desequilíbrio da noção original das coisas pelas ilusões culturais arranjadas pela publicidade, pela mídia e pelas técnicas de penetração forçada dos produtos musicais (Gorillaz, etc). O consumismo está moldando as relações entre as consciências na presente era. As pessoas, imersas na práxis de relações de consumo, não questionam nem desaprovam nada, mas abusam ao extremo das modas inventadas, dos êxtases imediatos, de orgasmos intensos e isolados, das densidades da sociedade-cultura de consumo e, sem procurar históricos (musicais) coerentes, tem prazer estético nestas paixões superficiais. Os sistemas e moldes de marketing e lógica semelhantes pariram uma produção infinita e instável de estilos de vida e culturalidade musical. A protagonização que seduz, manipula desejos e gostos e leva na direção do consumo, apresenta a mentira de que nas práticas consumistas está o fim dos problemas da vida. Os “meios realizadores” criam e descrevem ídolos descartáveis e por vezes, bem abaixo das supostas qualidades musicais que deles se espera. Na “época do signo”, produz-se,

⁸ Como criticou Andréas Kisser em entrevista a alguma revista (se não me falha memória).

simultaneamente, a mercadoria como signo e o signo como mercadoria. A multiplicação da quantidade de sinais e espetáculos pelos meios de comunicação, produz uma proliferação “sinal-valor”, ou seja, a marca, o prestígio, o luxo e a sensação de poder tornam-se uma parte crescentemente importante do artigo de consumo e não somente seu “valor de uso”, “de troca” e “de deleite”. E nisso, “até o mais marginal, o mais banal, o mais obscuro estetiza-se” (underground).⁹

Não compramos música apenas, mas signos de tribos das quais almejamos pertencer.

Ainda mais estranho são os grupos que em toda uma vida foram vítimas dos vendilhões musicais e lutaram na marginalidade pela sobrevivência, e como que mordidos pelos vampiros, assim que tem a chance de meter o dedo no bolo do mercado esquecem-se de toda uma história contra ele e se zumbificam também. Talvez, como punks cantando contra o sistema mas com a alma vendida e o contrato assinado com sangue com gravadoras multinacionais da “indústria cultural”.

Logo

Sou um homem ou um consumidor?

Falando agora de realidades práticas em relação ao todo.

⁹ Parafraseando Jean Baudrillard (2004).



- 1) *Download* ilegal, a partir de agora, é uma coisa irreversível. Mesmo que assuma outras formas, como de fato já teve em outros tempos.

Ficar discutindo se é certo ou errado é uma discussão obsoleta visto que isso não vai retroceder jamais. Essa discussão deixou de ser ética e passou a ser apenas moral. Como gente discutindo a algumas décadas atrás se era lícito mulheres usarem biquíni na praia. O papo de conscientização é bobagem, não conseguimos nem conscientizar o massa silenciosa a jogar o papel higiênico no cesto, em vez de no chão.

- 2) Qualquer ferramenta de tecnologia que pudesse controlar a internet (ou a totalidade da comunicação, fiscalizando-a) seria muito perigosa visto que controlaria o mundo. É melhor digerível por hora o *download* ilegal do que a existência operacional desta ferramenta.

Ainda: segundo algumas “opiniões virtuais coletivas” da filosofia da tecnologia, aplicada à psicologia (que em breve serão muito discutidas e teorizadas popularmente), sempre existiu uma proto-internet no planeta terra. De alguma forma, as consciências humanas sempre estiveram ligadas no que chamamos de psiquismos coletivos (inconsciente coletivo); algum tipo de rede ou camada psíquica superior; um *wireless* monstruoso de alcance global; de alcance superior ao tempo e ao espaço; algo que poderíamos chamar de *psiconet*, ou melhor, *psynet*. A moderna internet seria somente a tentativa de materialização rudimentar e ainda primitiva da

verdadeira e funcional rede de informação existente no planeta, a *psynet*. E de forma interessante, a existência da internet não ofusca a *psynet*, pelo contrário, a potencializa.

Segundo esta forma de ver, a informação sempre viajou livre na forma inconsciente na terra. Entre fenômenos que evidenciam esta rede inconsciente de informação, podemos ver em alguns destes fatos históricos exemplos: O Nazismo na Alemanha, Maio de 1968, entre outros. Quem sabe quantos textos com o mesmo teor deste não estão sendo escritos neste exato momento, uma vez que esta informação está vagando livre na *psynet* e pronta para ser “baixada” por *modems* cerebrais humanos a qualquer momento!

O mais interessante é concluir que a *psynet* realmente sempre funcionou. Não raramente, aqueles que nasceram antes de 1985 (antes da popularização da internet), faziam saques ou *psicodownloads* do inconsciente coletivo livremente.

Quem de nós não tem histórias interessantes para contar a respeito de um dia em que andando por um sebo qualquer deu de cara misteriosamente, com aquele CD, ou vinil importado, que gostaria de ter e o comprou por apenas uma fração de seu real valor. Ou ao conversar com amigos, identificou na coleção de fitas deles, exatamente aquele som que a algum tempo estava procurando. Entre tantas outras situações similares.

Neste sentido, a internet ainda é (não se sabe até quando a censura mundial permitirá esta facilidade) democrática e livre de censores. Corroborando a teoria da *psynet*, uma vez que a internet é assim livre, reflete a natureza de sua predecessora psíquica. Acha-se



de tudo na internet, bem como, nos ambientes obscuros da mente humana.

A arte como um todo, e aqui em especial a música, parece ser matéria de importante observação, considerada a análise do tecnicismo de Jacques Ellul (1968). Conforme esclareceu Ellul a respeito da técnica, e nós a estendemos ao mundo musical; a música pode ser colocada nos dois mundos distintos do tecnicismo: o científico e o mágico. Sim, a música neste século é executada de maneira técnica e científica, bem como pode ser, e é usada como ferramenta de todas as formas de cultos, mágicas, rituais e cerimônias espirituais. É também explorada na atualidade não só no sentido da técnica artística mas da técnica social e de todas as *técnicas do homem*. Isto é, ela é ferramenta de engenharia social, ao mesmo tempo em que é ferramenta de invocação dos deuses. Trata-se de um estudo de caso completo, visto ser ela um vértice de muitas possíveis dimensões do fascismo técnico. Na música cabem técnicas psicológicas, sociológicas, espirituais, físicas, etc.

A técnica de Ellul (não no sentido apenas mecânico como profetizou ele, mas em todos os sentidos da vida humana: Tecnologia da Linguagem, Tecnologia Sociológica, Tecnologia da Propaganda, Tecnologia da Comunicação, entre outras) parece cada vez mais se distanciar do erro clássico da desassociação entre magia e ciência. Tais barreiras estão sendo implodidas rapidamente. A ciência hoje quer abrir portais dimensionais (buracos negros) na terra, assim como antigos sacerdotes o queriam com suas zigurates por exemplo (se é que não o fizeram), quer promover a vida e

juventude eterna, usando engenharia genética (técnica genética) como queriam velhos rituais da antiguidade. A ciência tenta falar com extraterrestres, bem como queriam se comunicar com os deuses do céu, seus primos feiticeiros. Os cientistas (ou magos) da atualidade tem cada vez mais se aproximado da realização dos sonhos míticos que idealizaram seus antepassados místicos. Cada vez mais os químicos se parecem com os fazedores de poções e vice-versa (como revela a indústria das gripes). Tudo isso brilhantemente observado por Ellul e registrado por ele de maneira sutil. No caso aqui, temos a música como um estudo de caso aplicado a tal realidade, se ela ainda for e é encarada como mantra de controle e hipnose, como invocação e louvor aos deuses, como ferramenta profética, como talento dos iniciados e como parte inegociável dos rituais mágicos, revoluções e também aqui, das técnicas de arquitetura social.

Estando a música ligada a tantas e complexas relações com as diversas técnicas de controle social, não é de admirar que seja hoje o centro da discussão. É obvio que seu controle, tanto na internet quanto no mercado é precioso para aqueles que almejam controlar o mundo como um todo. Tendo a música tal poder de carregar em si tecnologias sociais, tecnologias mágicas (espirituais) e tecnologias psíquicas, além da técnica inerente a si mesma como ciência, parece óbvio que se tornaria protagonista simbólica das mudanças no mundo.

Neste cabo de guerra entre a cibernetização do homem (“baixo, logo existo!”) *versus* “consumidorização” do homem



(“consumo, logo existo!”), não há um lado claro a se posicionar. Entre os dois recém criados “pecados capitais” da nossa era, “baixar ou comprar”, não sabemos como nos posicionarmos sem atender aos interesses farisaicos mundiais por uma das vias, e sem rendição ao tecnicismo global.

Entretanto, para muitos música ainda é sagrada, para muitos ela não é mecanismo de coerção do próximo, para muitos música é ainda arte, ainda é presente, é graça. E, embora, em qualquer horizonte imediato se poderia dar uma palavra final em grande escala para estes assuntos tão importantes, o que poderia ser dito se resume a pouco. Música não é mercado e não é informação fria e sem vida, percorrendo cabos ópticos. Música é a mais estética, sofisticada e multifacetada forma de expressão humana, beirando mesmo a divina, jamais criada. Tratemo-lá como tal! O amor a esta arte jamais poderá ser profanado, tocado ou abusado por nenhum dos terroristas econômicos ou digitais. E enquanto ela estiver sendo feita de maneira orgânica, de maneira popular, em círculos familiares, para promover a comunhão entre amigos e os vínculos locais, o simples da vida e a alegria cotidiana, ela jamais estará submetida aos terrorismos psicológicos e econômicos dos sumo-sacerdotes do capitalismo; ela estará protegida. Para muitos, música é presente para o próximo e não estratégia de controle, técnica política ou técnica sociológica. O amor é maior que a tecnologia. Nem toda música precisa ser expansionista e imperialista. A música não tem dono e embora não gostem, eles sabem muito bem disso!

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (1985) [1944], *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUDRILLARD, J. (2004), *A sombra das maiorias silenciosas: fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense.
- DUBNER, S. J.; LEVITT, S. D. (2007), *Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta*. Rio de Janeiro: Campus.
- ELLUL, J. (1968), *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ESTULIN, D. (2006), *A verdadeira história do clube Bildeberg*. São Paulo: Planeta do Brasil.

